

**PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O DESASTRE-CRIME DO RIO  
DOCE: EFEITOS E ALTERAÇÕES NO COTIDIANO E NA PAISAGEM DE  
POVOAÇÃO/ES A PARTIR DAS PRÁTICAS DO BRINCAR**

**Pedro Alves Gomes**

**Universidade Federal do Espírito Santo**

**Resumo:** Esse projeto propõe um enfoque diferenciado sobre a análise do desastre-crime do Rio Doce: a partir da perspectiva das crianças. Busca entender os efeitos e as alterações no cotidiano e na paisagem, tendo como interlocutores as crianças do distrito de Povoação/ES, comunidade atingida pelas implicações da chegada onda de lama oriunda das atividades de mineração da Samarco, em novembro de 2015. A partir das práticas do brincar com o rio e o mar, próprias da infância, objetiva-se observar as mudanças em curso na comunidade, decorrentes dos efeitos provocados pela presença da lama no cotidiano local, assim como a relação desses efeitos com a experiência de paisagem. A abordagem teórica do estudo privilegia contribuições do campo da antropologia da criança, análises sociológicas acerca da infância e das práticas do brincar, além dos estudos sobre a paisagem. Tem como objetivo específico entender as diferentes vivências das crianças com o desastre e a repercussão deste no imaginário infantil e nas práticas lúdicas. Para tanto, recorre às contribuições metodológicas de inspiração etnográfica e à observação participante, assim como outras ferramentas como, por exemplo, coleta e análise de desenhos infantis, gravações audiovisuais, história oral, práticas do brincar e grupos focais.

**Palavras-chave:** desastre-crime; perspectivas; crianças.

**Abstract:** This project proposes a different focus on the analysis of Rio Doce disaster-crime: from the perspective of children. It seeks to understand the effects and changes in daily life and landscape, having as interlocutors children from the Povoação/ ES district, a community affected by the implications of the wave of mud from Samarco's mining activities in November 2015. From the practices of playing with the river and the sea, typical of childhood, the objective is to observe the changes taking place in the community, resulting from the effects caused by the presence of mud in daily life, as well as the relationship of these effects with the experience of landscape. The theoretical approach of the study privileges contributions from the field of child anthropology, sociological analyzes about childhood and playing practices, as well as landscape studies. Its specific objective is to understand the different experiences of children with the disaster and its repercussion in children's imaginary and playful practices. To this end, it draws on methodological contributions of ethnographic inspiration and participant observation, as well as other tools such as collection and analysis of children's drawings, audiovisual recordings, oral history, play practices and focus groups.

**Keywords:** disaster-crime; perspectives; children.

## 1. INTRODUÇÃO

Estudos pertinentes às Ciências Sociais têm muito a contribuir em diversos campos de análise. Por conta disso, cada vez mais os enfoques interdisciplinares ganham relevância na conformação dessa ciência por meio da análise de diferentes objetos. Sob esta inspiração, o presente projeto se propõe a tangenciar duas importantes temáticas: a infância, a partir das práticas do brincar; e a perspectiva da paisagem, tendo como contexto de análise o desastre-crime da Samarco, ocorrido em novembro de 2015.

A intenção do estudo é trazer um novo olhar sobre os efeitos do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), e sobre o desastre-crime que atingiu o Rio Doce e seus afluentes, afetando diversas comunidades. O recorte espacial da pesquisa é a comunidade de Povoação, uma comunidade ribeirinha localizada na foz do Rio Doce, no município de Linhares, região norte do estado do Espírito Santo, que foi atingida pela lama de rejeitos. A comunidade dependia da água do rio para sobrevivência e subsistência, já que é composta basicamente por pescadores e suas famílias, os quais perderam a sua principal atividade econômica e sociocultural. Desde o desastre, a pesca foi proibida, fator que alterou toda a dinâmica social. O novo olhar aqui mencionado refere-se ao entendimento desse contexto a partir da perspectiva das crianças que vivem na localidade, por meio das relações que estabelecem, ou estabeleciam, com o rio e o mar.

Já a utilização da palavra desastre-crime se justifica por ser assim reconhecido pelos atingidos, que utilizam essa denominação para se referir ao ocorrido em diversos espaços, como, por exemplo, o Fórum em Defesa da Bacia do Rio Doce. Uma congruência de fatores caracteriza como crime, um é que diversos estudos apontam a mineradora responsável como tendo conhecimento da possibilidade de a barragem romper a qualquer momento, assim como a morte de várias pessoas.

Cabe ressaltar que há tempos a criança é sujeito de investigação nos estudos antropológicos e sociológicos, tanto no que hoje se conhece por Antropologia da Criança quanto na Sociologia da Infância. Mas, apesar disso, curiosamente, pouca visibilidade é dada a esses estudos dentro do próprio campo ampliado das Ciências Sociais. Há, portanto, um estatuto que precisa ser discutido e pensado, e que diz respeito à criança como um ser de direitos e também de fala, que percebe e avalia, segundo suas percepções, as transformações sociais vivenciadas. Fica evidente que há, ainda, um campo aberto à discussão e à investigação e a expectativa do presente projeto é contribuir nesse sentido.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2003) “considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos” (BRASIL, 2003, p.13). Para efeitos de recorte de pesquisa, a referência no presente projeto serão as crianças entre dez e doze anos de idade, além de tal recorte auxiliar nas orientações metodológicas, também se dá devido ao fato de que o desastre-crime do Rio Doce aconteceu em 2015, ou seja, já se passaram alguns anos e crianças de menor idade não viveram diretamente o momento do rompimento.

Pressupondo, portanto, as crianças enquanto sujeitos sociais, e da vivência e percepção destas sobre o desastre-crime no Rio Doce, destacamos as questões que motivaram o desenvolvimento do projeto: 1) Como, na perspectiva das crianças, são percebidos os efeitos e as alterações no cotidiano e na paisagem de Povoação/ES, a partir do desastre-crime do Rio Doce? 2) De que modo esse desastre-crime atingiu as práticas do brincar das crianças da comunidade, sobretudo nos ambientes do Rio Doce e do mar? 3) De que modo as mudanças provocadas pela chegada da lama na localidade de Povoação modificaram as percepções das crianças sobre o rio e o mar, enquanto paisagens vividas?

A discussão acerca paisagem contida na proposta do projeto, cabe dizer, vem se consolidando como uma importante agenda, trazendo possibilidades de análises que dialogam com a sociologia, a filosofia, a geografia, entre outras abordagens. A paisagem é compreendida neste projeto como algo construído, ou seja, a paisagem deixa de ser o exterior, o distante, e começa a ser entendida como uma vivência, uma maneira de interpretação, algo relacionado ao simbólico e ao material ao mesmo tempo. Envolve sujeito, espaços/lugares, ambiente, relações, recortes e se dá também em dimensões afetivas (BESSE, 2014; CAMPELO, 2012; COLLOT, 2013; INGOLD, 2008; TUAN, 1980).

Dito isso, a proposta de pesquisa vincula-se à Linha 1 - Estudos Socioambientais, Culturas e Identidades, e pode vir a contribuir com o programa na medida em que abrange estudos ambientais sobre paisagem, e trabalha de forma concomitante cultura e identidade ao propor um estudo sobre uma comunidade ribeirinha a partir da perspectiva das crianças. Conceitos como paisagem, desastre-crime, cotidiano, efeitos, alterações, brincar e criança são os principais norteadores do desenvolvimento desse projeto.

Quanto às bases de desenvolvimento metodológico do projeto, conforme Clarice Cohn (2005) destaca, por se voltar a crianças, diversas metodologias podem ser empregadas, mas algumas em especial ganham destaque como, por exemplo, a etnografia,

com o desenvolvimento de observação participante, a utilização de recursos visuais, audiovisuais, e análise de desenhos e de diferentes recursos imagéticos. As próprias práticas do brincar e a realização de grupos focais também são ferramentas que serão utilizadas.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Entender, a partir da perspectiva das crianças, quais foram os efeitos e as alterações no cotidiano e na paisagem de Povoação/ES, após o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, tendo como enfoque as práticas do brincar vivenciadas com o rio e o mar.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- a) Descrever o cotidiano da comunidade de Povoação/ES, após o desastre-crime do Rio Doce, a partir do olhar e da percepção das crianças.
- b) Identificar alterações na prática cotidiana do brincar das crianças, após o desastre-crime do Rio Doce.
- c) Identificar usos e sentidos atribuídos pelas crianças ao rio e ao mar, frente ao desastre-crime do Rio Doce.
- d) Observar como as crianças articulam passado, presente e futuro ao vivenciarem as alterações na paisagem.
- e) Analisar as vivências das crianças da comunidade de Povoação/ES mediante as transformações na paisagem resultantes do desastre-crime da Samarco.
- f) Analisar como as crianças, em aspectos gerais, foram afetadas pelo desastre-crime da Samarco.

## **3. JUSTIFICATIVA**

Tal projeto de pesquisa se mostra relevante pois busca consolidar e ampliar o debate acerca da infância no campo das ciências sociais, tanto em termos sociológicos quanto em termos antropológicos. Ainda que o tema da infância não seja novo para tais ciências, atualmente as crianças ainda entram com dificuldade nas ciências sociais como um todo. Portanto, há grande relevância acadêmica no trabalho aqui proposto no sentido de firmar as crianças e a infância enquanto uma agenda de pesquisa importante.

De forma concomitante a importância desse trabalho se justifica na proposição de um novo olhar sobre o desastre-crime do Rio Doce. Ou seja, ainda que diversas pesquisas já foram feitas e outras mais estão em andamento nenhuma delas ainda propôs um olhar sobre o desastre-crime e seus impactos a partir de sujeitos singulares – as crianças. Dessa maneira as crianças são sujeitos sociais que compõe a sociedade que podem relevar outros aspectos, evidenciar impactos e afetações até hoje não mencionadas por outros sujeitos ou grupos sociais.

Por último, mas não menos importante, há uma importância evidente no projeto em relação a comunidade a ser estudada. Povoação é uma comunidade pertencente ao município de Linhares, localizada na foz do Rio Doce tão afeta quanto ou mais afetada que a comunidade de Regência, localizada do outro lado do rio. Entretanto, todas as pesquisas até aqui realizadas sobre os impactos do desastre-crime para a população da foz do Rio ficou restrita a Regência. Há evidente necessidade de que Povoação e os impactos do rompimento da barragem sobre a comunidade sejam estudados.

Portanto, pode-se observar que há existência de importâncias acadêmicas e práticas de tal trabalho que justificam sua realização. Acadêmicas no sentido do campo de estudos que propõe orientar o trabalho e práticas no diz respeito a trazer uma nova perspectiva do desastre-crime a partir das crianças assim como dar voz a comunidade de Povoação até esse momento esquecida.

#### **4. MARCO TEÓRICO**

Utiliza-se aqui o termo *desastre* para referenciar o ocorrido enquanto categoria analítica de estudos de diversas áreas do conhecimento, inclusive das ciências sociais. Tal categoria pressupõe a compreensão de que os desastres não são fenômenos naturais, mas, sim, resultantes de relações sociais (MARCHEZINI, 2018). Portanto, partimos da

concepção de desastre “enquanto um fenômeno social ou, mais precisamente, um evento de caráter disruptivo da estrutura ou sistema social” (VALENCIO, 2010, p. 749).

Assim, as transformações promovidas por desastres ultrapassam a esfera ambiental e atingem outras dimensões da vida social. É dessa forma que se pode caracterizar o maior desastre socioambiental da história do país, provocado pelo rompimento da barragem da Samarco, o qual implica, também, um tipo de crise social (GEPPEDES, 2017), tendo-se em vista uma série de modificações no cotidiano e na paisagem. Pode ser caracterizado, ainda, enquanto um evento devastador (GEPPEDES, 2017) que altera as dinâmicas da sociedade, entre elas, as vivências das crianças de Povoação/ES com o rio e com o mar. Portanto, não deve ser considerado apenas como um evento único no espaço-tempo, já que se expande tanto temporal quanto espacialmente a medida em que promove diferentes agenciamentos e articulações entre pessoas, instituições, etc. Dessa forma, é imprescindível pensar o desastre para além de seus fatores econômicos e geopolíticos (LOSEKANN; MILANEZ, 2016), levando em consideração toda a complexidade do fenômeno gerado a partir do mesmo.

Com o rompimento da barragem de rejeitos os pescadores estão impedidos de pescar por conta da Ação Civil Pública<sup>1</sup> proferida pela Justiça Federal de Linhares, as práticas de tomar banho no rio e no mar foram alteradas; *a priori*, surfistas não desfrutam mais do lazer, assim como as crianças tiveram que alterar suas vivências com o rio e com o mar.

Os efeitos e alterações causados na comunidade se dão sobretudo no âmbito da paisagem, entendida como um modo de habitar, uma forma de ver e de instaurar práticas. É possível pontuar várias possibilidades de entender a paisagem, até porque, como ressalta o autor Jean Marc Besse, pode-se considerar que existem diferentes portas para pensar a paisagem, ou seja, diferentes possibilidades que orientam formas de pensar a paisagem (BESSE, 2014), desde vivências, até formas de interpretar, sentir, olhar, representar e construir materialmente nossas práticas no mundo. Possibilidades que afastam a paisagem de algo exterior, distante, antes, sempre será co-constituída pelos sujeitos.

Nesse caso, entende-se que a paisagem é construída a partir da relação entre o sujeito e o meio, de modo relacional. O filósofo francês Michel Collot ainda ressalta que “a

---

<sup>1</sup> No dia 17/02/2016 a Justiça Federal de Linhares proferiu uma Ação Civil Pública que proíbe a pesca da região de Barra do Riacho - Aracruz (ES) até Degredo/Ipiranguinha – Linhares (ES). Disponível em: <[http://www.jfes.jus.br/noticias/2016/arq20160226165843\\_Justica\\_Federal\\_de\\_Linhares\\_proibe\\_pesca\\_em\\_trecho\\_do\\_Rio\\_Doce\\_26\\_02.htm](http://www.jfes.jus.br/noticias/2016/arq20160226165843_Justica_Federal_de_Linhares_proibe_pesca_em_trecho_do_Rio_Doce_26_02.htm)>.

paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista” (COLLOT, 2013, p. 17), envolve, portanto, sempre dimensões ligadas às relações e percepções oriundas do sujeito. A paisagem, nessa perspectiva, é uma forma de ver dos sujeitos que a constroem.

A paisagem também é representada enquanto forma de habitar. Habitar um lugar significa andar, caminhar, observar, perceber, escutar, sentir. Paisagens podem, então, estar diretamente relacionadas aos sentidos, visão, audição e olfato; desse modo, cada sujeito constrói sua paisagem a partir de uma experiência que é também sensorial, o que envolve as formas de percepções dos sujeitos (INGOLD, 2008).

Além da abordagem da paisagem enquanto experiência perceptiva, há uma outra interpretação que busca compreender a paisagem mediante uma análise mais aprofundada sobre as relações entre as dimensões físicas e o sujeito, ou seja, representada como vivências, formas de organizações e instauração de práticas (CAMPELO, 2012). Assim, a paisagem é uma experiência material, definidora de práticas sociais e formas de organização, é habitar e instaurar práticas.

Por fim, torna-se necessário definir um conceito importante para desenvolvimento do projeto, o conceito de topofilia. Segundo o autor Yi-Fu Tuan, a topofilia deve ser entendida como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). Atinge variações e intensidades por estar diretamente relacionada às emoções, à dimensão afetiva, mas também evidencia a noção de lugar, pois só se efetiva na interação entre os sujeitos e o ambiente, como, por exemplo, na interação das crianças com o rio e com o mar na constituição da paisagem de Povoação/ES.

A paisagem, a partir das concepções destacadas, engendra o cotidiano, que se caracteriza por meio de interações, processos em que os indivíduos desenvolvem práticas, como conversar, habitar, caminhar. Assim, o cotidiano é um conjunto de operações singulares, que dizem respeito a uma sociedade e aos indivíduos (CERTEAU, 2014).

Tendo discutido as abordagens mais atuais sobre a ideia de paisagem, cabe agora problematizar a abordagem sobre a infância, que diz respeito ao projeto. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança é um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

A criança, portanto, é um sujeito social completo. Estudos sobre criança e infância não são novidade para as ciências sociais, dentre os quais o destaque é para a obra de Ariès (1981) que discute a construção social da infância na instituição da modernidade. O autor aponta que só a partir do final do século XVI e início do século XVII a infância começou a se desenvolver como campo de representação artística e de estudos (ARIÈS, 1981). Estudos antropológicos relevam a importância de se compreender a criança enquanto um sujeito social, um sujeito que possui papel ativo na definição de sua própria condição. Mostram a importância de entender as crianças em seu contexto sociocultural e histórico, atuantes em rede de relações sociais, como atores produtores de cultura (COHN, 2005).

Acima de tudo, conforme diz a antropóloga Clarice Cohn (2005, p. 8), “precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista”. O ser criança se apresenta de formas variadas em diferentes culturas e sociedades, porém, os conceitos formados *a priori* devem ser repensados na medida em que a criança não é aquela que sabe menos, mas sim a que sabe outra coisa (COHN, 2005). Essa abordagem subverte assim as concepções que consideram as crianças como seres passivos, ou seja, meros receptores de tudo aquilo que as circundam.

Para as definições aqui propostas, as crianças são atores sociais, o que significa que não são só receptores, mas também produtores, são agentes ativos que constroem suas experiências de cultura (CORSARO, 2011). Nessa perspectiva, a criança deve ser estudada enquanto sujeito que detém direitos, assim como qualquer outro sujeito que componha quaisquer culturas.

Discussões acerca da criança e da infância não são nenhuma novidade, ao contrário, vários campos de estudos já trataram e tratam desses temas há tempos. As ideias de crianças como tábulas rasas, seres incompletos, atores passivos foram superadas. Para Walter Benjamin (1984, p. 11) “a criança é o pai do homem”, pois, na verdade, nada mais é do que “um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo”.

Em todos os contextos, porém, a criança não deve ser considerada como membro de alguma comunidade isolada, mas, sim, enquanto atores constituintes da sociedade, parte de um povo, e até parte de uma classe da qual provém (BENJAMIN, 1984). Elas fazem parte e estão incluídas em todas as lutas, processos, significações, atos e construções culturais da sociedade. Nesse sentido, as crianças são “participantes ativos da vida social” (FERNANDES, 1979, *apud* FRIEDMANN, 2011).

Além de trazer outra visão que difere de grupos de pessoas já estudados no contexto do desastre da Samarco já apontado, como mulheres, surfistas e pescadores, as crianças possibilitam a análise por meio do lúdico, na medida em que as práticas do brincar representam experiências e vivências na construção das paisagens locais. Permitem analisar a prática do brincar enquanto um direito desses atores sociais, mas também enquanto um modelo de atividade lúdica (KISHIMOTO, 1998), e mesmo como experiências de paisagem, enquanto envolvimento com o lugar, as suas atividades, seus elementos, os objetos, as pessoas, etc.

A atividade lúdica é sempre resultado de uma criação humana, e nesse caso, representa espontaneidade e criatividade das crianças (SANTOS, 2003). Nas discussões aqui propostas focaliza-se o ato da prática do brincar, um exemplo de atividade lúdica, desenvolvida principalmente pelas crianças. Para isso, deve-se dizer que o brincar representa toda atividade cultural que não se limita a uma relação simples com o real, sendo essa atividade sempre dotada de significações sociais (KISHIMOTO, 1998).

A brincadeira, a concretização da prática do brincar, resulta de processos sociais e varia em diferentes culturas. Cada cultura constrói e significa sua própria prática do brincar (KISHIMOTO, 1996). O brincar é uma atividade socialmente construída, que representa dinâmicas e o cotidiano de culturas, mas, ao mesmo tempo, é um ato livre e individual (KISHIMOTO, 1998).

Se a paisagem é aqui entendida enquanto uma forma de ver, habitar, instaurar práticas, uma construção dos sujeitos, pode-se dizer que a prática do brincar é uma via de análise da construção da paisagem. Uma janela por meio da qual se pode ver e compreender o modo como as transformações do espaço e do lugar vivido afetam a vida e o imaginário infantil. Uma janela na qual quem olha são as crianças, uma janela que busca revelar todos esses fatores por meio da perspectiva das crianças, atores sociais completos e complexos.

#### **4. MÉTODOS DE PESQUISA**

As diversas concepções sobre estudos que envolvem a criança e/ou a infância se apresentam como um campo muito amplo e variado. Cada estudo exige metodologias e métodos específicos. No projeto aqui apresentado, contudo, de acordo com Corsaro (2011), a etnografia é a metodologia mais eficiente para alcançar os objetivos almejados.

A etnografia, nesse caso, deve ser desenvolvida por meio da observação participante, que “consiste em uma interação direta e contínua de quem pesquisa com quem é pesquisado” (COHN, 2005, p. 47). Essa metodologia permite uma abordagem mais completa do universo das crianças, deve-se, entretanto, evidenciar o caráter de interação que permite ao pesquisador tratar as crianças em condições de igualdade e ser capaz de conseguir ouvi-las e saber o que pensam, o que fazem, conseguir adentrar um pouco o mundo delas (COHN, 2005). Devido as condições estruturais e infra estruturais do projeto não será possível uma inserção do pesquisador no local durante longo tempo, a observação se dará a partir de observações feitas em visitas a comunidade.

É preciso se lembrar, desde o primeiro momento da realização da pesquisa, que a criança é um sujeito social pleno, ativo e completo. Lembrar da criança enquanto produtora. Nesse sentido, é necessário capturar as vozes das crianças, suas perspectivas, seus interesses e direitos (CORSARO, 2011), como, por exemplo, o direito à prática do brincar.

Algumas metodologias alternativas apresentadas por William Corsaro em Sociologia da Infância (2011) também serão adotadas, como gravações audiovisuais e análise posterior dessas gravações por meio de diversos recursos. Outra metodologia importante destacada pelo autor é a proposição, coleta e análise de diferentes desenhos infantis e de outros recursos imagéticos. (CORSARO, 2011),

A autora Clarice Cohn (2005) afirma que a coleta de desenhos infantis e histórias elaboradas pelas crianças, assim como os registros audiovisuais são instrumentos importantes que complementam a observação participante. A proposta e coleta de desenhos pode ser feita sem intervenção ou com intervenção e pode-se pedir que as crianças elaborem desenhos a partir de determinado tema, ou, ainda por meio do fornecimento de materiais para colagem. A autora também diz que “os registros audiovisuais têm-se provado de grande valia para a pesquisa, desde os estudos pioneiros de Margaret Mead e Gregory Bateson” (COHN, 2005, p. 48).

De forma a corroborar na viabilidade do desenvolvimento da pesquisa, tanto pelos sujeitos envolvidos (crianças) quanto pelo tempo e idas a campo, será utilizada também a metodologia de pesquisa qualitativa do grupo focal. Tal método se mostra útil quando o pesquisador lida com pessoas que não podem responder questionários escritos, por exemplo (DIAS, 2000).

Estudos pertinentes às áreas das Ciências Sociais usualmente se utilizam de instrumentos metodológicos tradicionalmente consolidados para estudos da área. Entretanto, por o projeto aqui apresentado ter por objetivo entender o desastre-crime e as alterações no cotidiano e na paisagem da comunidade de Povoação/ES a partir das perspectivas das crianças, é preciso recorrer a estudos que apontam instrumentos metodológicos para lidar com as crianças enquanto sujeitos que constroem a pesquisa.

Nesse sentido, para trabalhar com crianças, alguns instrumentos que não fazem parte da caixa de ferramentas tradicional das Ciências Sociais precisam ser utilizados. Instrumentos metodológicos como a história oral, captar relatos orais, fala das crianças com o objetivo de dar voz a essas crianças. Outro instrumento fundamental é a prática do brincar como instrumento metodológico. Por último, estudos mostram que uma das maneiras mais eficazes de trabalhar com crianças é importante trabalhar com a memória delas (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2002).

Ao lançar mão dos caminhos metodológicos mencionados, o pesquisador terá um arcabouço de materiais diversos, mas todos correlacionados em algum sentido. Assim, o desenvolvimento deste projeto, irá se viabiliza no sentido de entender a perspectiva das crianças sobre as alterações no cotidiano da paisagem de Povoação/ES após o desastre-crime mencionado.

## 5. CRONOGRAMA E ESBOÇO DE CAPÍTULOS

<b>Etapas</b>	<b>Descrição</b>	<b>Previsão</b>
1	Levantamento bibliográfico	2 meses (fevereiro e março de 2019)
2	Revisão bibliográfica	3 meses (abril a junho de 2019)
3	Execução trabalho de campo	1 ano (julho 2019 a março 2020)  <b>Escrita capítulos:</b> <b>Cap. 1 – A Invenção da Infância (marco teórico)</b> <b>Cap. 2 – Desastre-crime no Rio Doce</b>
4	Análise e registro das informações coletadas	5 meses (de fevereiro a junho de 2020)

5	Produções científicas e elaboração da dissertação	10 meses (março a dezembro de 2020) <b>Cap. 3 – A experiência da paisagem</b>
---	---	--

## 5. PRODUTOS

Como produtos desse projeto pretende-se, além da elaboração da própria dissertação, a elaboração de dois artigos a serem publicados em Revistas Qualis A1 até B2 na área de sociologia. Concomitantemente, pretende-se levar um retorno a população sobre a pesquisa desenvolvida, seja com a própria dissertação em versão impressa como também a possibilidade da realização de uma fala pública na comunidade expondo os principais resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa.

## 6. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo – exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAMPELO, Álvaro. **A Paisagem**. Introdução a uma gramática do “espaço”. Antônio Vieira, Francisco Costa (Eds.). Aula inaugural do Curso de Doutorado em Geografia. Portugal: Guimarães, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAS, Cláudia Augusto. **GRUPO FOCAL**: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: Estudos*, Paraíba, v. 10, n. 2, p.1-12, 2000.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Org.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, Sp: Autores Associados, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **História do percurso da sociologia e da antropologia na área da infância**. São Paulo: Revista Vera Cruz, 2011.

INGOLD, Tim. **Pare, olhe, escute!** Visão, audição e movimento humano. *Ponto Urbe* 3, 2008.

LEONARDO, F.; IZOTON, J.; VALIM, H. CREADO, E. TRIGUEIRO, A. SILVA, B. DUARTE, L. SANTANA. N. **Rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO/VALE/BHP BILLITON) e os efeitos do desastre na foz do Rio Doce, distritos de Regência e Povoação, Linhares (ES)**. Relatório de pesquisa. GEPEDES., 2017.

LOSEKANN, Cristina; MILANEZ, Bruno. **Desastre no Vale do Rio Doce**: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

MARCHEZINI, Victor. **As ciências sociais nos desastres**: um campo de pesquisa em construção. São Paulo: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB), n. 83, 1/2017, p. 43-72, 2018.

SANTOS, Santi Marli Pires dos. **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia** - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Editora Difel: São Paulo, 1980.

VALENCIO, Norma. **Desastres, ordem social e planejamento em defesa civil**: o contexto brasileiro. *Saúde Soc*: São Paulo, v.19, n.4, p.748-762, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.